



ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

Áudios mostram que integrantes das Forças Armadas pressionaram para colocar em prática o planejamento antes de 12 de dezembro de 2022, data da diplomação de Lula como presidente. Relatório da PF deve ser encaminhado à PGR nesta semana

Ala militar tinha pressa para golpe de Estado

» RENATO SOUZA
» MAYARA SOUTO

Áudios capturados pela Polícia Federal, aos quais o **Correio** teve acesso, mostram que a ala militar, integrante da organização que pretendia dar um golpe de Estado, tinha pressa e fazia pressão para colocar em prática o plano contra o Estado Democrático de Direito. As gravações foram incluídas no inquérito elaborado pela corporação — entregue ao Supremo Tribunal Federal (STF) —, que detalha a trama para impedir a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do vice Geraldo Alckmin. O documento completo, com indiciamento de 37 pessoas, deve ser enviado à Procuradoria-Geral da República (PGR), até o fim desta semana, pelo ministro Alexandre de Moraes, relator do caso na Corte.

Em um dos áudios, o tenente-coronel Mauro Cid indica que o golpe deve ser levado a cabo antes do dia 12 — investigadores da PF acreditam que se trate de 12 de dezembro, dia em que a chapa liderada por Lula foi diplomada como vencedora das eleições presidenciais.

Nas gravações, Cid conversa com Mário Fernandes, à época secretário-executivo da Secretaria-Geral da Presidência. “Dia 12 seria... Teria que ser antes do dia 12, né? Mas com certeza não vai acontecer nada. E sobre os caminhões, pode deixar que eu vou comentar com ele, porque o Exército não pode ‘papar mosca’ de novo, né? É área militar, ninguém vai se meter”, disse Cid, se referindo a caminhões que estavam estacionados na frente do Quartel-General do Exército, em Brasília, e que tinham sido multados.

Em seguida, Cid, de acordo com a PF, afirmou a Mário Fernandes que conversaria com o então presidente Jair Bolsonaro sobre o assunto. “Não, pode deixar, general. Vou conversar com o presidente. O negócio é que ele tem essa personalidade, às vezes, né? Ele espera, espera, espera, espera pra ver até onde vai, né? Ver os apoios que tem. Só que, às vezes, o tempo tá curto, né? Não dá pra esperar muito mais passar, né?”, destacou.

Em outro trecho, fica claro para os investigadores que a intenção golpista seria colocada em prática antes do dia 12. Porém, Bolsonaro teria sinalizado ao general Mário Fernandes que poderia ocorrer a qualquer momento até 31 de dezembro, ou seja, um dia antes de Lula assumir a Presidência.

A preocupação seria com a troca de comando nas Forças Armadas —fazendo com que oficiais nomeados por Bolsonaro saíssem dos postos de liderança e dessem lugar para os escolhidos pelo presidente Lula.

“Meu amigo, desculpe estar te incomodando tanto no dia de hoje. Mas são duas coisas. A primeira: durante a conversa que eu tive com o presidente ele citou ‘pô, o dia 12 não seria uma restrição, por ser a diplomação do vagabundo, qualquer ação nossa poderia acontecer até 31 de dezembro’. E eu disse: ‘Pô, presidente, a gente já perdeu tantas oportunidades. Eu, meditando aqui em casa, pensei, a partir da semana que vem, eu cheguei a citar isso para ele, das duas uma: ou os movimentos de manifestação na rua vão esmaecer ou vão recrudescer. Recrudescer com radicalismos, e, aí, a gente perde o controle. Pode acontecer de tudo, mas podem esmaecer também’”, relatou Fernandes a Mauro Cid.

Mário Fernandes foi alvo da Operação Punhal Verde e Amarelo, lançada pela PF na semana passada para investigar crimes de golpe de Estado, associação criminosa e tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito. Ele foi preso preventivamente, com outras quatro pessoas. A reportagem tentou contato com as defesas dos acusados, mas não obteve retorno.

Moraes ainda está analisando o relatório, de mais de 800 páginas. Somente



Ed Alves/CB/DA.Press

Em gravação, o tenente-coronel Mauro Cid, então ajudante de ordens de Bolsonaro, afirma: “Teria que ser antes do dia 12, né?”

Diálogos obtidos pela PF

General Mário Fernandes para Mauro Cid

- “Meu amigo, desculpe estar te incomodando tanto no dia de hoje. Mas são duas coisas. A primeira: durante a conversa que eu tive com o presidente, ele citou: ‘Pô, o dia 12 não seria uma restrição, por ser a diplomação do vagabundo, qualquer ação nossa poderia acontecer até 31 de dezembro’. E eu disse: ‘Pô, presidente, a gente já perdeu tantas oportunidades. Eu, meditando aqui em casa, pensei, a partir da semana que vem, eu cheguei a citar isso para ele, das duas uma: ou os movimentos de manifestação na rua vão esmaecer ou vão recrudescer. Recrudescer com radicalismos, e, aí, a gente perde o controle. Pode acontecer de tudo, mas podem esmaecer também. O outro aspecto é já vão passar o comando para aqueles que estão sendo indicados para o eventual governo do subsidiário. E aí tudo fica mais difícil, cara, para qualquer ação.”

Coronel Roberto Raimundo Criscuoli para Mário Fernandes

- “Se nós não tomarmos a rédea agora, depois eu acho que vai ser pior. Na realidade, vai ser guerra civil agora ou guerra civil depois. Só que guerra civil agora tem uma justificativa. O povo tá na rua, nós temos aquele apoio maciço. Daqui a pouco, vamos entrar numa guerra civil, porque daqui a uns meses esse cara vai destruir o Exército, vai destruir tudo, aí o povo vai dizer: ‘ah, agora que mexeram com vocês, vocês vão para a rua? Vocês resolvem tomar?’ Então vai ficar feio. Ele vai destruir todo Exército, vai mandar todos os quatro estrelas embora. Vai ficar só com o GDias e uns outros aí.”

Não vai ficar legal, cara. É melhor ir agora, o povo tá na rua e pedindo. (...) Essa decisão tem que ser tomada urgente, cara. O presidente não pode pagar pra ver também, cara. Ele vai destruir nosso país, cara. Vai esperar virar uma Venezuela pra virar o jogo, cara? Democrata é o cacete. Não tem que ser mais democrata agora. ‘Ah, não vou sair das quatro linhas’. Acabou o jogo, pô. Não tem mais quatro linhas. Agora o povo na rua tá pedindo pelo amor de Deus. Vai dar uma guerra civil, eu tenho certeza que vai dar; porque os vermelhos vão vir feroz. Nós estamos esperando o quê? Dando tempo pra eles? Se organizarem melhor? Pra guerra ser pior. Irmão, vamos agora. Fala com o O1 aí, cara. É agora. Hoje eu tô dentro, amanhã eu não tô mais não. Amanhã que eu quero dizer é daqui a pouco. Por interesses outros eu não vou. Nem eu nem a turma daqui. (...) Vamos embora, pô. Pau.”

Coronel Reginaldo Vieira de Abreu para Mário Fernandes

- “Kid preto, o presidente tem que fazer uma reunião petit comitê. O pessoal ia fazer uma reunião essa semana com o comandante do Exército, aí chegou Paulo Guedes, chegou o pessoal da TCU, o pessoal da AGU, aí não pode. Esse pessoal acima da linha da ética não pode estar nessa reunião, tem que ser petit comitê, pô. Tem que ser a rataria, ele e a rataria, com comandante do Exército, mas petit comitê. Essa galera não pode estar, e, pô, tem que debater o que vai ser feito.”

Mário Fernandes para o general Luiz Eduardo Ramos

- “Tá na cara que houve fraude. Não dá

mais para a gente aguentar essa p*. Nem que seja para divulgar e inflamar a massa, para que ela se mantenha nas ruas e, aí sim, talvez seja isso que o alto-comando, que a Defesa quer. Um clamor popular, como foi em 64. Porque, como o senhor disse mesmo, boa parte do alto-comando, pelo menos do Exército, não tá muito disposto. Ou não vai partir para a intervenção, a não ser que o start seja feito pela sociedade, cara. General, reforça isso aí, eu tô fazendo meu trabalho junto à brigada e ao pessoal de divisão da minha turma cara.”

Vieira Abreu para Mário Fernandes

- “O senhor me desculpe a expressão, mas quatro linhas é o c*, quatro linhas da Constituição é o cacete. Nós estamos em guerra, eles estão vencendo, está quase acabando, e eles não deram um tiro, por incompetência nossa, incompetência nossa.”

Mário Fernandes para Vieira Abreu, conhecido como Velame

- “Velame, cara, eu tô batendo nessa tecla. Negão, eu tô começando a pensar que as Forças Armadas estão do jeito que o general Theóphilo colocou no texto dele hoje. Certo... Estão esperando a decisão política. Se não houver a decisão política, não vão fazer nada. E aí elas estão sendo usadas como pivô, cara. Tem os dissidentes, tem os fds lá, tem, já está comprovado. Mas nós sabemos que é um colegiado. Cinco caras não iam interferir tanto assim. Estão fazendo um excelente trabalho, mas não iam interferir tanto assim, mas, cara, o presidente tem que decidir e assinar essa m*, pô.”

“Democrata é o cacete”

» ISABELA STANGA

Os militares envolvidos na trama de um golpe de Estado após a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2022, falavam sobre entrar em guerra civil contra “os vermelhos”, diziam ter “apoio maciço” da população e afirmavam que “qualquer solução não acontece sem quebrar ovos”.

As falas fazem parte de um conjunto de mais de 50 áudios obtidos pela Polícia Federal. Nas gravações, o tenente-coronel Mauro Cid — que na época era ajudante de ordens do então presidente Jair Bolsonaro —, o general Mário Fernandes, e os coronéis Reginaldo Vieira de Abreu e Roberto Raimundo Criscuoli discutem a trama para impedir a posse de Lula.

Em áudio enviado a Fernandes, Criscuoli ressaltou que a intervenção militar deveria ser feita de imediato. “Vai ser guerra civil agora ou vai ser guerra civil depois, só que a guerra civil agora tem uma justificativa, o povo está na rua, nós temos aquele apoio maciço. Daqui a pouco, nós vamos entrar em uma guerra civil, porque, daqui uns meses, esse cara vai destruir o Exército, vai destruir tudo”, afirmou.

O coronel diz que a guerra civil será contra “os vermelhos” — termo usado por bolsonaristas para descrever “comunistas” ou “petistas”. “O presidente (Bolsonaro) não pode pagar para ver. Ele (Lula) vai destruir o nosso país. Vai esperar virar uma Venezuela pra virar o jogo? Democrata é o cacete, não tem que ser mais democrata agora. ‘Ah, não vou sair das quatro linhas’, acabou o jogo!. Não tem mais quatro linhas, o povo na rua tá pedindo pelo amor de Deus”, enfatizou Criscuoli.

A Mauro Cid, Fernandes pede que mostre a Bolsonaro um vídeo. Pelo contexto, pode-se entender que seria uma gravação de manifestantes bolsonaristas após a eleição de Lula. “Pô, mostra esse vídeo para o comandante. Isso é história, e a história é marcada por momentos como os que estamos vivendo agora”, alegou.

Em outra gravação, direcionada para uma pessoa identificada como “Caveira”, Fernandes afirmou que “qualquer solução não acontece sem quebrar ovos” e que “apoio popular é o que não falta”.

“Tava pensando aqui, sugeri ao presidente ele mudar de novo o MD (Ministério da Defesa), porr*. Coloca de novo o João Braga Netto lá. João Braga Netto tá indignado, porr*, ele vai ter um apoio mais efetivo. Reestrutura de novo”, frisou. “O presidente fala ‘ah vão alegar que estou mudando isso para dar um golpe’. Qual a solução, Caveira? Você sabe que ela não acontece sem quebrar ovos, sem quebrar cristais. Então, meu amigo, partir pra cima, apoio popular é o que não falta”, declarou.

Fernandes ainda afirmou que as eleições presidenciais de 2022 tinham sido fraudadas, além de citar o clamor popular, “como foi em 1964”, para a adesão das Forças Armadas ao golpe.

“Tá na cara que houve fraude, porr*. Tá na cara, não dá mais pra gente aguentar esta porra, tá fod*. Tá fod*. E outra coisa, nem que seja pra divulgar e inflamar a massa. Pra que ela se mantenha nas ruas, e, aí sim, porr*, talvez seja isso que o alto-comando, que a Defesa quer. O clamor popular, como foi em 64”, ressaltou o coronel a Luiz Eduardo Ramos, que não está entre os indiciados pela PF.

após avaliar informações e provas apresentadas, o ministro vai enviar o documento à PGR — responsável por definir se apresenta denúncia contra os 37 indiciados.

O ministro do STF não tem prazo para enviar o documento à Procuradoria, porém, a expectativa é de que isso ocorra nesta semana. A previsão inicial era de que o envio ocorresse ontem. No entanto, a quantidade de páginas atrasou o processo de avaliação.

Foram indiciados Bolsonaro, Mauro Cid, Mário Fernandes, os generais Braga

Netto e Augusto Heleno, o ex-ministro Anderson Torres e outros acusados de envolvimento com a tentativa de derrubar as instituições democráticas.

O relatório vai se juntar, a princípio, a outras duas investigações que também estão na Procuradoria: a que trata da venda de joias sauditas e a da fraude nos cartões de vacinas de Bolsonaro e seus familiares. Fontes dentro da PGR afirmaram ao **Correio** que a entidade vê interligação entre os três casos e pretende apresentar uma denúncia conjunta, que deve ser enviada ao

Supremo até fevereiro de 2025.

Porém, até o fim do ano, a Polícia Federal deve concluir a investigação sobre o esquema de espionagem que usou a estrutura da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) — conhecido como “Abin Paralela”. A intenção é de que as provas e oitivas realizadas pela corporação se somem a outros fatos que estão em documentos enviados ao Supremo e à Procuradoria. Essa apuração também pode se somar a outras e reforçar uma eventual denúncia contra os investigados.